

Haverá solução para estes dois assassinatos?

O delegado que chefiava o inquérito sobre as mortes de Leme foi afastado, sob acusação de ameaçar as testemunhas. Mas o inquérito prossegue e há até possibilidade que a Polícia Federal entre na investigação.

O delegado seccional de Piracicaba, Adolfo Magalhães Lopes, passará a partir de amanhã a presidir o inquérito que apura os fatos da batalha travada entre policiais militares e bóias-frias em greve em Leme, sexta-feira, e que provocou a morte de duas pessoas. E que o delegado-geral da Polícia Civil, Abrahão Kfoury, decidiu afastar do inquérito o delegado seccional de Rio Claro, José Tejero, que já havia ameaçado processar testemunhas.

Ontem, prestou depoimento uma das principais testemunhas do conflito — Maria Aparecida Cantelli Bonvechio, que acompanhava Sibely Aparecida Manuel no momento em que esta foi atingida por uma bala — calibre 38 e morreu. No final da tarde, uma assembléia de que participaram cerca de mil volantes decidiu continuar a greve, cuja legalidade foi decretada pelo Tribunal Regional do Trabalho.

Policiais civis evitaram comentar o afastamento do delegado Tejero da presidência do inquérito. Alguns, entretanto, diziam que a decisão de Kfoury está relacionada ao comportamento que estava induzindo as testemunhas a prestarem depoimentos favoráveis a Polícia Militar. Uma evidência deste comentário está no fato de que, quando alguns jornalistas informaram ao delegado que as três principais testemunhas ao inquérito não haviam confirmado em entrevista os termos do depoimento. Tejero reagiu: "Quem quiser retificar o depoimento pode fazê-lo, mas eu vou processar depois por falso testemunho".

O depoimento

Apesar de afastado, Tejero trabalhou ontem no inquérito, juntamente com integrantes da comissão nomeada pelo governo do Estado para acompanhar os depoimentos — o deputado Marco Antônio Castelo Branco, representante da Assembléia Legislativa, o presidente da OAB, José Eduardo Loureiro, e o promotor público Francisco Mário Viotti Bernardes. Foram ouvidas três pessoas, entre elas Maria Aparecida Cantelli Bonvechio, 26 anos, que acompanhava Sibely no momento em que ela foi atingida por uma bala na avenida Raposo Tavares, local da batalha de sexta-feira. Maria Aparecida, além de afirmar que Sibely que trabalhava como empregada doméstica na casa de sua irmã — participava do piquete organizado pelos bóias-frias, e não apenas assistia a cena, declarou que "não viu nenhum civil ou militas armado próximo do local onde ela foi alvejada", o que elimina a hipótese de a empregada doméstica ter sido morta com um tiro à queima-roupa.

Maria Aparecida afirmou também que a Polícia Militar tomou a iniciativa de acuar os grevistas "com golpes de cassetete". Segundo ela, os bóias-frias revidaram, atirando pedras, mas como os policiais passaram a perseguir os piqueteiros, eles "correram em direção da linha do trem, a caminho do bairro de Santa Rita, quando a polícia começou a atirar". Maria Aparecida contou que nesse momento "olhei para trás para ver o que estava acontecendo" e a Sibely disse "me pegaram". De acordo com ela, a empregada doméstica ainda deu mais alguns passos antes de cair. "Eu continuei correndo, me escondi atrás de um muro e comecei a gritar para que as pessoas fossem socorrê-la até que um cano levou a Sibely para o Hospital."

O delegado Tejero afirmou que "o depoimento de Maria Aparecida não acrescenta nada ao inquérito, pois pensei que ela fosse esclarecer quem atirou. mas ela disse apenas que os tiros

vieram da direção da polícia, não dos homens do pelotão de choque, mas dos homens com a farda normal da PM". Tejero, entretanto, afirmou que o inquérito já esclareceu que "o Opala dos deputados do PT realmente interceptou o ônibus, e que o tiroteio foi provocado pelo Opala". Ele comentou que o fato de as três principais testemunhas do caso — José Francisco Cafasso e Ovílio Santos e Orlando de Souza — terem retificado seus depoimentos afirmando que os tiros disparados contra o ônibus que transportava 50 bóias-frias para a Usina Crisciumal vieram da direção do Opala da Assembléia Legislativa, e não de dentro dele, não muda as coisas: "Se não havia ninguém ao lado ou atrás do veículo, quem disparou os tiros?", perguntava o delegado.

A greve continua

Reunidos ontem à tarde no Estádio Municipal de Leme, cerca de mil bóias-frias decidiram continuar o movimento, que já dura 18 dias e começa a enfraquecer-se mesmo com a decisão do Tribunal Regional do Trabalho, que julgou legal a greve de 1.160 trabalhadores da Sociedade Agropecuária Crisciumal. Muitos retornaram ontem ao trabalho.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Leme, Norival Guadagnin, apelou para os volantes empregados pela Crisciumal para que não retornem ao trabalho, e marcou para hoje, às 15 horas, uma nova assembléia, quando será lida a ata do TRT que julgou legal a greve. Além dos bóias-frias da Crisciumal, permanecem paralisados volantes empregados nas Usinas São João, Santa Lúcia e Palmeiras, além dos 800 trabalhadores da Usina Santa Rita, de Santa Rita do Passa Quatro, que moram em Leme.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais afirma que a grande maioria dos seis mil bóias-frias da cidade estão parados.

O procurador-geral do Estado, Feres Sabino, designou os procuradores Luzia Ponce Mateus e Antônio Pompeu Ribas Tomassini, da Procuradoria Regional de Campinas e Seccional de Rio Claro, e a procuradora-assessora Márcia Rodrigues Machado, representando o Gabinete da Procuradoria Geral do Estado, para "estudar e propor, em caráter prioritário, medidas judiciais e extrajudiciais tendentes a assegurar a satisfação dos direitos dos dependentes das vítimas" da batalha de Leme.